

Estudo psicométrico da Race-Related Events Scale para o Brasil

Renan Pereira Monteiro¹, Josefa Wanilla da Costa Medeiros¹, Oscar José P. Neto²

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, Brasil

Roosevelt Vilar¹

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo-SP, Brasil

RESUMO

O racismo é um problema grave no Brasil, mas os efeitos nas vítimas ainda são pouco estudados, necessitando-se contar com uma medida que mensure a autopercepção de racismo sofrido. Este estudo objetivou reunir evidências psicométricas da *Race-Related Events Scale* (RES) para o Brasil, medida que avalia estressores relacionados à raça. Participaram 727 pessoas em maioria pardas (38,8%), brancas (33,4%) e pretas (24,9%). Verificou-se uma estrutura de três componentes (i.e., racismo cotidiano, racismo vicário e racismo direto) com adequada fidedignidade. Pretos tiveram maiores médias na RES comparado aos demais e brancos tiveram as menores médias, diferenciando-se dos outros grupos (exceto dos amarelos). Maiores escores na RES relacionam-se à maior escolaridade, ser do sexo masculino e possuir menor renda. Os resultados indicam que a RES é uma medida válida e precisa, útil em estudos que buscam avaliar os efeitos do racismo, bem como fatores de proteção que possam mitigar os seus efeitos.

Palavras-chave: discriminação; saúde mental; raça; validação.

ABSTRACT – Psychometric Study of the Race-Related Events Scale in Brazil

Racism remains a serious problem in Brazil, however, its effects on victims are understudied, highlighting the need for a measure that assesses individuals' self-perception of experienced racism. This study aimed to examine the psychometric properties of the Race-Related Events Scale (RES), a tool designed to evaluate race-related stressors, in the Brazilian context. The sample included 727 participants, the majority of whom identified as mixed race (38.8%), White (33.4%), or Black (24.9%). A three-component structure, everyday racism, vicarious racism, and direct racism, was confirmed, demonstrating adequate reliability. Black participants had higher RES scores than the other groups, while White participants had the lowest scores, differing significantly from all different groups except Asians. Higher RES scores were associated with higher education levels, male gender, and lower income. The results support the RES as a valid and reliable instrument for investigating the effects of racism, as well as protective factors that may buffer its effects.

Keywords: discrimination; mental health; race; validation.

RESUMEN – Estudio psicométrico de la Escala de Eventos Relacionados con la Raza

El racismo es un problema grave en Brasil, sin embargo, los efectos sobre las víctimas aún están poco estudiados, requiriendo un instrumento para medir la autopercepción del racismo sufrido. Este estudio tuvo como objetivo recopilar evidencias psicométricas de la *Race-Related Events Scale* (RES) para Brasil. Participaron 727 personas, en su mayoría pardas (38,8%), blancas (33,4%) y negras (24,9%). Se verificó una confiabilidad adecuada para la estructura de tres componentes (racismo cotidiano, racismo vicario y racismo directo). Las personas negras tuvieron puntajes más altos en la RES; por su parte, las personas blancas tuvieron los puntajes más bajos, diferenciándose de los otros grupos (excepto de los asiáticos). Las mayores puntuaciones en la RES están relacionadas con mayor escolaridad, ser hombre y el tener menores ingresos. Los resultados indican que la RES es una medida válida y precisa, útil en estudios que buscan evaluar los efectos del racismo, así como también factores protectores que puedan mitigar sus efectos.

Palabras clave: discriminación; salud mental; raza; validación.

O preconceito racial é recorrente no Brasil, expresso desde as formas mais sutis e veladas até as mais explícitas, trazendo prejuízos à saúde física e mental das vítimas (Mouzon & McLean, 2017; Sibrava et al., 2019). Apesar da gravidade e elevada incidência, poucos são os estudos brasileiros avaliando os impactos do racismo nas vítimas (Damasceno & Zanello, 2018). Centrar as análises nas vítimas possibilita conhecer o impacto do

racismo em diferentes desfechos, além de verificar fatores de proteção que possam mitigar tais impactos. Nesta direção, faz-se necessário contar com medidas psicométricamente adequadas que quantifiquem a exposição a estressores relacionados à raça, sendo que o presente estudo objetiva fornecer evidências de validade e precisão da *Race-Related Events Scale* (Waelde et al., 2010) para o Brasil.

¹ Endereço para correspondência: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Departamento de Psicopedagogia. Campus I, Lot. Cidade Universitária, 58051-900, João Pessoa, PB. E-mail: renanpmonteiro@gmail.com

Preconceito racial

O preconceito é uma atitude hostil e desfavorável, relacionado a um julgamento errôneo, inalterável e generalizado, direcionado a um grupo ou a um membro deste (Allport, 1954). Com base no conceito de raça, os atributos fenotípicos, como cor da pele e textura do cabelo, são utilizados na tentativa de hierarquizar grupos sociais, diferenciá-los (Costa & Scarcelli, 2016) e estabelecer uma superioridade de uma raça sobre as demais (Damasceno & Zanello, 2018). O racismo se manifesta direta e indiretamente, sendo estrutural e observado nas relações interpessoais e institucionais (Almeida, 2019).

No Brasil, em um período de um ano, cerca de 29 milhões de pessoas de 18 anos ou mais sofreram algum tipo de agressão psicológica, física ou sexual, pretos (20,6%) e pardos (19,3%) sofreram mais com a violência se comparado aos brancos (16,6%) (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2021). Em 2021, a taxa de homicídios de não negros foi de 10,8 a cada 100 mil habitantes, por outro lado, a taxa de homicídios para negros foi de 31 a cada 100 mil habitantes ([IPEA]; Atlas da Violência, 2023). Ademais, diversos casos são reportados quase que diariamente na mídia, em que crimes brutais são praticados contra grupos raciais minorizados. Por exemplo, em matéria do G1 de janeiro de 2023 são descritos diversos casos em que objetos (e.g., furadeira, guarda-chuva, saco de pipocas) portados por negros são “confundidos” com armas e drogas, o que teria levado policiais a matarem tais pessoas. Vale relembrar os recentes casos de João Alberto (homem negro espancado até a morte por seguranças de um supermercado de Porto Alegre) e George Floyd (homem negro morto por policial nos Estados Unidos), que tiveram grande repercussão na mídia e nas redes sociais.

Além dos desfechos extremos reportados anteriormente, percebem-se outras formas de expressão do racismo, mais velado, sutil e, inclusive, naturalizado por muitos, mas que também é extremamente nocivo para quem sofre a agressão. Por exemplo, o racismo desvaloriza características negras (e.g., cabelo crespo, lábios grossos, nariz largo), sendo que mulheres negras desde a infância sofrem preconceito, levando-as a práticas como o alisamento capilar (Amorim et al., 2021), gerando insatisfação com o corpo, com o cabelo e com a cor da pele, impactando em sua saúde mental (Fattore et al., 2020; Santos et al., 2023). O racismo também se manifesta em ações corriqueiras, como buscar um serviço de saúde ou submeter-se a uma vaga de emprego. Por exemplo, dentistas tendem a optar por tratar dentes careados de pacientes brancos, ao passo que extraem os de pacientes negros (Cabral et al., 2005) e médicos investem mais tempo e formulam mais hipóteses diagnósticas ao atenderem pacientes brancos do que pretos e pardos (Silva, 2018). Além de negros terem empregos com menor remuneração e de o racismo ser um fator

que contribui para a dificuldade de encontrar trabalho (Doede, 2015; Kosny et al., 2017), promovendo a desigualdade e levando a piores condições de vida. Logo, evidencia-se que pessoas pertencentes a grupos raciais minorizados sofrem cotidianamente com estressores relacionados à raça, sinalizando a necessidade de avaliar esse fator impactante para a saúde mental.

Em revisão de escopo foram identificadas seis escalas para medir a percepção de discriminação racial no contexto brasileiro (Brasil, 2024). Apesar da importante contribuição de tais instrumentos, percebem-se algumas limitações, com medidas que: não focam na discriminação racial (Bastos et al., 2012), são contextualmente específicas (Miranda, 2015; Rosa et al., 2021), se restringem a avaliar a discriminação cotidiana (Abreu et al., 2022) e avaliam aspectos muito amplos, como a reação e a preocupação com o racismo (Fattore et al., 2016). Por fim, Bezerra (2014) adaptou para o Brasil a versão reduzida da *Index of Race-Related Stress* ([IRRS-B]; Utsey, 1999), medida amplamente utilizada cobrindo três dimensões do racismo (individual, institucional e cultural), contudo, a estrutura encontrada para o Brasil foi distinta (dois fatores). Chapman-Hilliard et al. (2020) testaram diferentes estruturas para IRRS-B não encontrando evidências de validade baseada na estrutura interna (e.g., CFI=0,86; TLI=0,84). Ademais, a IRRS-B foca na exposição de afro-americanos ao racismo, dificultando o seu uso em outros grupos étnico-raciais (Waelde et al., 2010).

Race-Related Events Scale

No contexto brasileiro grupos raciais minorizados são expostos a múltiplos estressores relacionados à raça ao longo da vida, sendo que o acúmulo do sofrimento de preconceito ou discriminação gera efeitos diversos, dificultando a capacidade adaptativa e interferindo no bem-estar (Harrell, 2000; Waelde et al., 2010). Em metanálise que sintetizou os efeitos de 66 estudos, com mais de 18 mil negros, verificou-se que a discriminação racial se relacionou positivamente com mal-estar psicológico (e.g., ansiedade, depressão; Pieterse et al., 2012). Em outra metanálise, contando com estudos oriundos de 333 artigos publicados entre 1983 e 2013, verificou-se que o racismo predisse pobre saúde física e mental (Paradies et al., 2015). Endossando tais evidências consistentes, Wallace et al. (2016) observaram em estudo longitudinal que a exposição à discriminação racial tem um incremento para a baixa saúde mental em longo prazo.

Tendo em vista o efeito de estressores relacionados à raça, Waelde et al. (2010) propuseram a construção da *Race-Related Events Scale* (RES), uma medida que quantifica a percepção de racismo em diferentes grupos étnico-raciais, contando com itens que cobrem os critérios do DSM-IV-TR para o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Também tiveram em conta a conceitualização dos estressores relacionados à raça proposta

por Harrell (2000), no qual estabelece seis tipos: microestressores de racismo diário, experiência vicária de racismo, eventos de vida relacionados ao racismo, estressores contextuais crônicos, experiências coletivas de racismo e transmissão transgeracional do trauma. Os três primeiros são estressores consistentes com os critérios para o risco de TEPT, enquanto os três últimos não, o que foi tido em conta por Waelde et al. (2010) na elaboração dos itens da RES, cobrindo elementos potencializadores de experiências traumáticas.

Na etapa de construção do instrumento, os autores elaboraram uma versão preliminar de 20 itens que foi revisada por um grupo etnicamente diverso de juízes, resultando em uma versão de 22 itens, respondidos em escala dicotômica (sim ou não). A medida apresentou adequado coeficiente alfa (0,86) e estabilidade temporal no intervalo de um mês ($r=0,66$; $p<0,01$). Brancos apresentaram o menor valor em comparação aos outros três grupos raciais avaliados (estadunidenses de origem africana, asiática e hispânica), além dos participantes que preencheram os critérios para o TEPT terem relatado mais estressores relacionados à raça, quanto mais frequente a exposição a tais estressores, mais graves são os sintomas de TEPT entre as minorias raciais.

No estudo inicial, Waelde, et al. (2010) não exploraram a estrutura fatorial da RES. Contudo, tais análises foram realizadas por Crusto et al. (2015), que observaram uma estrutura de três fatores identificada como: Discriminação Cotidiana, Eventos Diretos Relacionados à Raça e Eventos Indiretos ou Vicários Relacionados à Raça. Tal estrutura vai na mesma direção dos três tipos de estressores propostos por Harrell (2000) e que representam risco para o TEPT, elementos que orientaram a construção da escala (Waelde et al., 2010).

A RES tem sido utilizada em diversas pesquisas que avaliam o impacto do racismo sofrido em desfechos como a pobre qualidade do sono (McKinnon et al., 2022), a depressão (Bernard et al., 2022) e os problemas relacionados ao álcool (Desalu et al., 2021). Portanto, contar com uma medida adequada para avaliar a percepção de racismo é fundamental, sobretudo em um contexto racista, como o Brasil. Sofrer racismo têm sérias consequências para as vítimas em diversas esferas (Bianchi, et al., 2002; Mouzon & McLean, 2016), além de pertencer a grupos raciais minorizados representar um risco para o sofrimento de violência física (IPEA, 2023; IBGE, 2021), dificultando a busca por emprego e melhores condições salariais (Doede, 2015; Kosny, et al., 2017), restringindo até o acesso e a qualidade de atendimento em serviços diversos, inclusive de saúde (Cabral et al., 2005; Silva, 2018). Quantificar tal experiência é fundamental, possibilitando avaliar os impactos do racismo, bem como testar o papel de fatores de proteção. Portanto, o presente estudo busca aportar com evidências de validade e precisão da *Race-Related Events Scale* para o Brasil.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 727 indivíduos racialmente diversos (38,8% pardos, 33,4% brancos, 24,9% pretos, 1,8% indígenas e 1,1% amarelos), membros da população geral e com idades variando de 18 a 73 anos ($M=26,9$; $DP=9,95$). A maioria se autodeclarou do sexo feminino (67%), de classe socioeconômica média baixa (38,9%) e com ensino superior incompleto (49,9%).

Instrumentos

Race-Related Events Scale (Waelde et al., 2010): Composta por 22 itens, originalmente respondida em uma escala dicotômica (Sim ou Não). Os itens versam sobre a exposição a experiências estressantes e potencialmente traumatizantes de estresse relacionado a raça (e.g., Alguém já me bateu ou machucou por causa da minha raça ou etnia; Fui ignorado por causa da minha raça ou etnia).

Em relação ao processo de tradução da RES, esta foi realizada do inglês para o português por dois psicólogos bilíngues, com expertise na área em questão. Um terceiro psicólogo, também bilíngue, retraduziu os itens do português para o inglês, comparando as versões e prezando pelo consenso, formou-se uma única versão. A escala de resposta foi modificada para política, cobrindo a frequência de racismo sofrido (1 – Nunca; 5 – Sempre), o que possibilita estimar a repetição e frequência dos atos, captando melhor o acúmulo de sofrimento do racismo do que uma escala dicotômica. A versão preliminar da escala foi aplicada em um grupo de 10 universitários buscando identificar incoerências nos itens ou escala de resposta, sendo que desta etapa não foi demandada nenhuma alteração no instrumento. Logo, a tradução dos itens garantiu a equivalência semântica e conceitual.

Os participantes responderam, ainda, a um conjunto de perguntas sociodemográficas (e.g., sexo, idade, raça, escolaridade e renda). Além disso, incluímos um item único que questiona a frequência com que o participante percebe que sofre preconceito racial, sendo respondido em escala de cinco pontos (1 – Nunca sofri racismo; 5 – Sofro racismo com frequência) e a Escala de Fitzpatrick (Fitzpatrick, 1988) que avalia a tonalidade da pele em uma escala de seis pontos (quanto mais próximo de um mais clara é a pele e quanto mais próximo de seis mais escura é a pele).

Procedimento

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba. Após a emissão do parecer favorável (CAAE: 26916719.0.0000.5176), prosseguiu-se com a construção do questionário no Google Formulários e sua subsequente divulgação nas redes sociais. Utilizou-se o procedimento bola de neve – uma técnica de amostragem não

probabilística – em que o link da pesquisa é compartilhado solicitando que as pessoas participem e compartilhem o link entre os seus contatos. Antes de preencherem o questionário, os participantes foram informados sobre o objetivo, a natureza da pesquisa e o caráter voluntário da participação, confirmada através do aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram seguidas as recomendações da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Análise de Dados

Os dados foram analisados por meio dos softwares JASP (JASP Team, 2024) e FACTOR (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2006). Com o primeiro foram calculadas estatísticas descritivas, foi checada a normalidade multivariada por meio do teste de Mardia, além de terem sido calculadas análise de correlação de Spearman e Análise Univariada de Variância (ANOVA) utilizando bootstrap com 1.000 reamostragens. Utilizou-se, ainda, o JASP (2024) para o cálculo da consistência interna por meio do ômega de McDonald. Por sua vez, o FACTOR foi utilizado para determinar a dimensionalidade da RES.

Realizou-se, com uma matriz de correlações policóricas, uma Análise dos Componentes Principais, dado a natureza do construto formativo, de modo que o racismo sofrido é formado pelas experiências discriminatórias vivenciadas (itens da escala), não sendo um traço latente que explique a resposta aos itens. Para determinar a dimensionalidade, teve-se em conta a Análise Paralela (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) e a proporção cumulativa da variância explicada, retendo componentes que expliquem pelo menos 80% da variância total dos dados. Ademais, adotou-se a rotação *normalized varimax*.

Resultados

Inicialmente, são apresentadas as médias, desvios-padrão, assimetria e curtose dos 22 itens da medida (Tabela 1), além dos valores da normalidade multivariada de Mardia (1970). Percebe-se que as médias são baixas e que há violações (Kline, 2011) nos valores da assimetria (>3) e curtose (>10), sendo que estas duas apresentaram valores não normais (assimetria multivariada=338,06, $p<0,001$ e curtose multivariada=1402,83, $p<0,001$).

Tabela 1
Estatísticas Descritivas dos Itens da RES

Item	Média (DP)	IC 95%	Assimetria	Curtose
1	1,81 (1,03)	1,71 – 1,91	1,01	0,01
2	1,79 (1,10)	1,69 – 1,90	1,17	0,22
3	1,49 (0,90)	1,40 – 1,57	1,89	2,83
4	1,62 (0,95)	1,53 – 1,71	1,47	1,36
5	1,20 (0,59)	1,15 – 1,26	3,37	12,06
6	1,58 (1,09)	1,48 – 1,68	1,80	2,06
7	1,37 (0,86)	1,29 – 1,46	2,44	5,33
8	1,82 (1,22)	1,71 – 1,94	1,29	0,43
9	1,12 (0,47)	1,08 – 1,17	4,67	24,41
10	1,75 (1,13)	1,64 – 1,86	1,29	0,51
11	1,14 (0,50)	1,10 – 1,19	4,08	18,58
12	1,17 (0,50)	1,12 – 1,22	3,29	11,35
13	1,16 (0,55)	1,11 – 1,22	3,72	14,16
14	1,39 (0,89)	1,30 – 1,47	2,43	5,16
15	1,18 (0,57)	1,12 – 1,23	3,74	15,18
16	1,07 (0,38)	1,04 – 1,11	5,82	37,43
17	1,10 (0,48)	1,06 – 1,15	5,50	32,64
18	2,39 (1,60)	2,24 – 2,54	0,60	-1,28
19	2,44 (1,53)	2,30 – 2,59	0,49	-1,31
20	1,85 (1,36)	1,72 – 1,98	1,35	0,34
21	1,82 (1,36)	1,69 – 1,95	1,42	0,52
22	1,77 (1,38)	1,64 – 1,91	1,52	0,72

Validade baseada na estrutura interna e consistência interna

Observou-se que a Análise Paralela indicou a

extração de dois componentes, os dois primeiros autovalores reais (14,67 e 1,90) foram maiores que os simulados (1,32 e 1,26), o contrário acontece após o terceiro

autovalor ($1,06 < 1,23$). Contudo, utilizando o critério da variância explicada – além da base teórica que sustenta a construção da escala – verificou-se que são necessários pelo menos três componentes para explicar 80% da variância total (Tabela 2).

Observa-se na Tabela 2 a estrutura de três componentes. O primeiro, identificado como racismo cotidiano, é formado por 10 itens, com cargas fatoriais entre 0,63 (Item 14. Alguém já me perseguiu por causa da minha raça ou etnia e Item 9. Me envolvi em uma briga física com alguém por causa da minha raça ou etnia) a 0,80 (Item 1. Fui tratado com grosseria ou frieza por causa da minha cor ou etnia), sendo que tal componente apresentou índice de consistência interna adequada ($\omega=0,93$). O segundo componente, racismo vicário, é formado por

cinco itens, com saturações entre 0,77 (Item 18. Ouvi falar de alguém, que é da mesma raça ou etnia que eu, que foi ferido ou morto por causa da sua raça ou etnia e Item 19. Vi alguém, que é da mesma raça ou etnia que eu, ser tratado de forma racista ou preconceituosa) a 0,88 (Item 21. Vi alguém, que é da mesma raça ou etnia que eu, gravemente ferido por causa de sua raça ou etnia), tal componente apresentou adequada consistência interna ($\omega=0,94$). O terceiro componente, nomeado como racismo direto, englobou sete itens, com cargas fatoriais entre 0,61 (Item 10. Alguém já machucou um familiar meu por causa de sua raça ou etnia) a 0,83 (Item 16. Fui ameaçado com uma faca, revolver ou outra arma ou por causa da minha raça ou etnia), tendo adequada precisão ($\omega=0,78$).

Tabela 2
Estrutura Fatorial da RES

Itens	Cargas Fatoriais		
	Racismo Cotidiano	Racismo Vicário	Racismo Direto
Item 1	0,80	0,41	0,28
Item 2	0,78	0,42	0,28
Item 3	0,76	0,33	0,30
Item 4	0,71	0,31	0,38
Item 5	0,63	0,29	0,53
Item 6	0,73	0,35	0,31
Item 7	0,68	0,31	0,33
Item 8	0,66	0,45	0,37
Item 9	0,63	0,13	0,54
Item 10	0,02	0,44	0,61
Item 11	0,53	0,22	0,66
Item 12	0,55	0,32	0,63
Item 13	0,34	0,20	0,77
Item 14	0,63	0,36	0,53
Item 15	0,56	0,24	0,62
Item 16	0,29	0,18	0,83
Item 17	0,37	0,16	0,81
Item 18	0,47	0,77	0,14
Item 19	0,55	0,77	0,15
Item 20	0,31	0,87	0,29
Item 21	0,31	0,88	0,27
Item 22	0,29	0,87	0,28
Ômega de McDonald	0,93	0,94	0,78
Variância explicada baseada nos autovalores			
Autovalor	14,67	1,05	1,90
Proporção de variância	66,7%	4,80%	8,66%
Variância explicada dos componentes rotacionados			
Variância	7,00	5,22	5,42
Proporção de variância explicada	31,8%	23,7%	24,6%

RES e variáveis sociodemográficas

Realizou-se uma ANOVA com *bootstrap* para comparar as médias na pontuação total da RES entre os

cinco grupos étnico-raciais: amarelos ($N=8$; $M=26,8$; $DP=6,24$), brancos ($N=243$; $M=24,3$; $DP=5,77$), indígenas ($N=13$; $M=39,1$; $DP=16,04$), pardos ($N=282$;

$M=33,1$; $DP=11,81$) e pretos ($N=181$; $M=48,5$; $DP=15,35$). Observou-se que há diferenças entre os grupos ($F=120,494$, $p<0,001$, $\eta^2=0,40$). Os participantes pretos apresentaram pontuações significativamente mais altas do que todos os outros grupos, indicando maior exposição a estressores relacionados à raça, enquanto os brancos apresentaram as menores pontuações, diferindo significativamente dos grupos pardos, pretos e indígenas (Tabela 3).

Na Tabela 4 observou-se que a pontuação total da RES e seus fatores específicos se correlacionam com a

frequência com que o participante se considera vítima de racismo, sendo observado que quanto mais escura a pele, maior a pontuação na RES e em seus diferentes componentes. A pontuação total da RES se correlacionou positivamente com a escolaridade e com o sexo (1 – feminino e 2 – masculino) e negativamente com a renda do participante. O racismo cotidiano se correlacionou positivamente com o sexo e escolaridade e negativamente com a renda, sendo que o racismo vicário se correlacionou na mesma direção com estes dois últimos. Por fim, o racismo direto se correlacionou negativamente com a renda.

Tabela 3
Comparações Múltiplas Entre as Raças e a Média do Escore Total da RES

		IC 95% (bias corrected accelerated)			
	Diferença de média	Limite inferior	Limite superior	t	p Tukey
Amarela	Branca	2,32	-1,00	8,93	0,63
	Indígena	-12,40	-22,86	-2,47	-2,40
	Parda	-6,58	-10,02	0,07	-1,54
	Preta	-21,79	-25,98	-15,87	0,001
Branca	Indígena	-14,77	-25,23	-6,16	4,59
	Parda	-8,90	-10,45	-7,23	-8,92
	Preta	-24,28	-26,55	-21,58	-21,75
Indígena	Parda	5,87	-2,89	17,05	1,85
	Preta	-9,39	-18,44	0,94	-2,88
Parda	Preta	-15,35	-18,05	-12,60	0,001

Tabela 4
Relações Entre a RES e Variáveis Sociodemográficas

	Pontuação total da RES	Racismo Cotidiano	Racismo Vicário	Racismo Direto
Escala de Fitzpatrick	0,66**	0,65**	0,65**	0,27**
Item único de avaliação de racismo	0,77**	0,83**	0,69**	0,40**
Escolaridade	0,09*	0,09*	0,09*	0,02
Sexo	0,07*	0,13**	0,05	-0,03
Renda	-0,13**	-0,11**	-0,11**	-0,11**

Nota. ** $p<0,01$; * $p<0,05$

Discussão

O Brasil apresenta elevada incidência de preconceito racial, com episódios recorrentes de violência contra negros, além de agressões veladas e exposição a notícias quase diárias de desfechos extremos de racismo (e.g., assassinatos, espancamentos). Consequentemente, tais grupos apresentam maiores sintomas de ansiedade, estresse e depressão (Mouzon & McLean, 2016; Sibrava et al., 2019). Apesar da incidência do racismo no país, e seus efeitos potencialmente catastróficos na vida das vítimas, não há instrumentos psicométricamente adequados para quantificar a exposição a estressores

relacionados à raça, o que possibilitaria uma estimativa mais precisa das consequências psicológicas do racismo sofrido (Crusto et al., 2015), bem como conhecer mecanismos que possam mitigar tais efeitos. Nesta direção, o presente estudo aportou reunindo evidências psicométricas da *Race-Related Events Scale* (Waelde et al., 2010) no contexto brasileiro.

Em relação à estrutura da escala, chegou-se a um modelo de três componentes, tendo boa precisão ($\omega>0,70$; McNeish, 2018). Estrutura semelhante também foi encontrada por Crusto et al. (2015), em contexto estadunidense. Contudo, tal estudo contou com amostra pequena ($N=201$) sub representando importantes

grupos étnico-raciais, de modo que tais autores apontaram a necessidade de novos estudos para avaliar a estrutura da medida. Nesta direção, o presente artigo, com uma grande amostra racialmente diversa, verificou que a estrutura tridimensional é estável.

A estrutura encontrada recebe suporte teórico, de modo que as dimensões que surgiram refletem os três tipos de estressores relacionados à raça propiciadores do TEPT (Harrell, 2000; Waelde et al., 2010). Concretamente, a medida cobre três formas na qual o racismo pode ser experienciado: microagressões de racismo diário (ou racismo cotidiano), eventos de vida relacionados ao racismo (ou racismo direto) e o racismo vicário. O racismo cotidiano envolve microestressores diários, são mais comuns e frequentes, envolvendo humilhações, desprezos e exclusões sutis, a exemplo de ser tratado rudemente, ser ignorado ou ser observado por alguém por conta da raça (Harrell, 2000). Por outro lado, Harrell aponta que o racismo direto envolve ações menos frequentes, limitadas no tempo, mas com efeitos duradouros, a exemplo de ações extremas, como ser ameaçado de morte por conta da raça ou sofrer uma violência física. São agressões mais explícitas e, por conta disso, ocorrem de forma menos frequente que o racismo cotidiano. Por fim, o racismo vicário configura-se em observar, testemunhar ou ouvir falar de pessoas da mesma raça sofrerem racismo (Harrell, 2000; Waelde et al., 2010) e isso é muito frequente no Brasil, vide as inúmeras reportagens veiculadas na TV ou na internet sobre casos de violência extrema contra grupos raciais minorizados. Tais experiências podem trazer ansiedade, medo exacerbado, além de raiva e tristeza em quem observa tais eventos (Harrell, 2000). Por exemplo, o racismo vicário predisse problemas de sono entre estudantes de origem asiática (Yip et al., 2024) e aumento em ansiedade em uma amostra etnicamente diversa (Hennein et al., 2023).

Em relação às diferenças entre os grupos, observou-se que brancos e amarelos apresentaram as menores médias na RES, e isso vai na mesma direção de estudos prévios que utilizaram esta medida (Crusto et al., 2015; Waelde et al., 2010). Por outro lado, pardos, indígenas e pretos apresentaram as maiores médias, sendo que pretos tiveram diferenças estatisticamente significativas para todos os grupos. Estudos indicam que pretos tendem a sofrer mais preconceito racial e ataques abertos e flagrantes motivados pela raça, se comparado aos demais grupos raciais (IPEA, 2023). No estudo de Waelde et al. (2010) os pretos tiveram números maiores de estressores relacionados à raça. Logo, observa-se que o grupo de pretos é o mais vulnerável para sofrer com eventos estressores relacionados à raça. Tais dados são reflexos de um país em que pretos e pardos sofrem mais violência psicológica, física e sexual se comparado aos brancos (IBGE, 2021), sendo que a população negra representa quase 80% das vítimas de homicídio (IPEA, 2023).

Os indígenas reportaram a segunda maior média de estressores relacionados à raça. De fato, desde a invasão do Brasil pelos portugueses os indígenas sofrem diversos tipos de violência, sendo percebidos como indolentes e preguiçosos, sendo taxados como uma barreira para o progresso do país (Lamas et al., 2016). Tais autores ainda indicam que esses estereótipos são mantidos e espalhados pelos meios de comunicação e, inclusive, pelas escolas, pois muitas obras adotadas reforçam visões deturpadas dos indígenas, perpetuando o preconceito contra este grupo. Consequentemente, as pessoas percebem os indígenas como selvagens, preguiçosos, aproveitadores, inferiores e violentos (Lima et al., 2016).

Concernente a pontuação de pardos, observa-se que o grupo obteve a terceira maior média de pontuação na RES. Este grupo surge em razão da miscigenação brasileira. Gomes (2019, p. 72) indica que o pardo é “negro demais para ser branco, e branco demais para ser negro”. Este autor descreve que os pardos se encontram em um limbo racial-identitário, resultando em baixa consciência racial, porém também sofrem processos de exclusão. Logo, a falta de consciência racial pode impactar na percepção do racismo sofrido, interferir na autoavaliação de pertencimento racial, e levar indivíduos de pele não retinta a terem percepções distorcidas de eventos racistas, indicando assim menor magnitude de estresse relacionado a raça (Almeida, 2019; Waelde et al., 2010; Worrell et al., 2019). Verificou-se que quanto mais escura a pele, maior a incidência de estressores relacionados à raça e por pardos terem a pele mais clara em comparação aos pretos, sofrem preconceito, mas em uma quantidade menor. Apesar de reportarem níveis menores do que os pretos e indígenas, houve diferenças significativas para os brancos, sendo que tais agressões sofridas também geram um impacto para as vítimas.

No que tange as correlações com variáveis socio-demográficas, percebe-se que as pessoas que reportaram maiores escores na RES são do sexo masculino, tem maior escolaridade, porém menor renda. Smith et al. (2020) indicam que homens negros sofrem mais preconceito do que mulheres negras, indicando que é forte no imaginário das pessoas a figura do homem negro criminoso e violento. Ressalta-se que as correlações foram de baixa magnitude e que para algumas dimensões não foi significativo, indicando que mulheres também sofrem com o racismo e suas consequências para a saúde mental (Mekawi et al., 2021). Em relação à escolaridade, parte considerável da amostra possui ensino superior completo e incompleto, contudo, o aumento da escolaridade está relacionado ao aumento de estressores relacionados à raça, o que indica que pessoas com maior escolaridade podem possuir maior consciência racial, tornando-os mais sensíveis a detecção de racismo. Em contraponto, pessoas de renda mais baixa sofrem mais com os estressores relacionados à raça, refletindo o racismo estrutural, colocando negros em condição socioeconômica mais baixa do que brancos (Camelo et al., 2022).

Avaliar a quantidade de microagressões diárias, a exposição indireta ao racismo e eventos mais extremos é fundamental para conhecer como o racismo impacta as vítimas e como elas podem lidar com tais estressores. Sofrer racismo leva a desfechos negativos (e.g., TEPT, depressão, ansiedade). Rastrear os estressores relacionados a raça pode auxiliar na identificação das causas de tais problemas psicológicos, guiando intervenções para a promoção de fatores protetivos (e.g., identidade étnico-racial, ativismo, enfrentamento ativo; Mekawi et al., 2022; Watson-Singleton et al., 2021). Instrumentos como a RES, fundamentam uma atuação baseada em evidências, apontando os efeitos do racismo para a saúde mental.

Neste sentido, o presente estudo contribui fornecendo um instrumento psicométricamente adequado para o Brasil, além de ser conduzido com uma grande amostra racialmente diversa, incluindo grupos sub representados em estudos prévios (Crusto et al., 2015; Waelde et al., 2010). Apesar da relevante contribuição da presente pesquisa, cabe ressaltar que ela apresenta limitações, como a amostra não probabilística, além da amostra pequena para alguns grupos étnico-raciais. Em possibilidades futuras é importante testar outros parâmetros da RES, como a sua estabilidade temporal ou a sua capacidade para predizer critérios externos, como o nível de autoestima ou satisfação com a vida das pessoas. Ademais, é igualmente importante conhecer o efeito moderador de diferentes variáveis na relação entre a RES e desfechos associados à saúde mental. Logo, a RES pode ter um papel fundamental em pesquisas que quantifiquem o

racismo sofrido, estimando em que medida ele afeta diferentes dimensões na vida das vítimas, além de viabilizar o estudo para a identificação de fatores de proteção para reduzir os impactos do racismo.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPQ pelo apoio via bolsa de produtividade (PQ-2) para a realização da pesquisa.

Financiamento

A presente pesquisa recebeu financiamento via a bolsa de produtividade em pesquisa do CNPQ. Qualquer financiamento adicional para a pesquisa foi proveniente de recursos próprios dos autores.

Contribuições dos autores

Declaramos que todos os autores participaram da elaboração do manuscrito.

Disponibilidade de dados e materiais

Todos os dados e sintaxes gerados e analisados durante esta pesquisa serão tratados com total sigilo devido às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Porém, o conjunto de dados e sintaxes que apoiam as conclusões deste artigo estão disponíveis mediante razoável solicitação ao autor principal do estudo.

Conflitos de interesses

Os autores declaram que não há conflitos de interesses.

Referências

- Abreu, M., Leme, V., Fernandes, L., Rocha, C., Ximenes, V., de Freitas, D. F., & Coimbra, S. (2022). Escala de discriminação cotidiana para adolescentes e jovens: adaptação e evidências psicométricas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.68646>
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, Mass.: Addison-Wesley. Disponível em:https://faculty.washington.edu/caporaso/courses/203/readings/allport_Nature_of_prejudice.pdf
- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. Pôlen Produção Editorial LTDA. <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457349790>
- Amorim, C. L. R. D., Aléssio, R. L. D. S., & Danfá, L. (2021). Mulheres negras e construção de sentidos de identidade na transição capilar. *Psicologia & Sociedade*, 33, e224920. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33224920>
- Bastos, J. L., Faerstein, E., Celeste, R. K., & Barros, A. J. (2012). Explicit discrimination and health: development and psychometric properties of an assessment instrument. *Revista de Saúde Pública*, 46, 269-278. Retirado de <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2012.v46n2/269-278/en>
- Bernard, D. L., Halliday, C. A., Are, F., Banks, D. E., & Danielson, C. K. (2022). Rumination as a mediator of the association between racial discrimination and depression among Black youth. *Journal of Racial and Ethnic Health Disparities*, 9, 1937-1945. <http://dx.doi.org/10.1007/s40615-021-01132-2>
- Bezerra, C. M. de O. (2014). *Tradução, adaptação para língua portuguesa e validação da Escala de Experiências Discriminatórias dos Negros – EEDN*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Sergipe]. Repositório Institucional da UFS. <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5932>
- Bianchi, F., Zea, M. C., Belgrave, F. & Echeverry, J. (2002). Racial Identity and Self-Esteem Among Black Brazilian Men: Race Matters in Brazil Too! *Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology*, 8, 157-69. <http://dx.doi.org/10.1037/1099-9809.8.2.157>
- Brasil, V. M. (2024). *É possível mensurar o racismo? Revisão de escopo de escalas traduzidas, adaptadas e construídas para o contexto brasileiro*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Amazonas]. Repositório da UFAM https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/8229/3/TCC_ViniciusBrasil.pdf
- Cabral, E. D., Caldas Jr, A. D. F., & Cabral, H. A. M. (2005). Influence of the patient's race on the dentist's decision to extract or retain a decayed tooth. *Community Dentistry and Oral Epidemiology*, 33, 461-466. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1600-0528.2005.00255.x>

- Camelo, L. V., Coelho, C. G., Chor, D., Griep, R. H., Almeida, M. D. C. C. D., Giatti, L., & Barreto, S. M. (2022). Racismo e iniquidade racial na autoavaliação de saúde ruim: o papel da mobilidade social intergeracional no Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto (ELSA-Brasil). *Cadernos de Saúde Pública*, 38, e00341920. <https://doi.org/10.1590/0102-311X000341920>
- Chapman-Hilliard, C., Abdullah, T., Denton, E. G., Holman, A., & Awad, G. (2020). The index of race-related stress-brief: Further validation, cross-validation, and item response theory-based evidence. *Journal of Black Psychology*, 46, 550-580. <https://doi.org/10.1177/009598420947508>
- Costa, E. S., & Scarcelli, I. R. (2016). Psychologie, politique publique pour la population quilombola et racisme. *Psicologia USP*, 27, 357-366. <https://doi.org/10.1590/0103-656420130051>
- Crusto, C. A., Dantzler, J., Roberts, Y. H., & Hooper, L. M. (2015). Psychometric evaluation of data from the Race-Related Events Scale. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 48, 285-296. <http://dx.doi.org/10.1177/0748175615578735>
- Damasceno, M. G., & Zanello, V. M. L. (2018). Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38, 450-464. <https://doi.org/10.1590/1982-37030003262017>
- Desalu, J. M., Goodhines, P. A., & Park, A. (2021). Vicarious racial discrimination, racial identity, and alcohol-related outcomes among Black young adults: An experimental approach. *Psychology of Addictive Behaviors*, 35, 283-294. <http://dx.doi.org/10.1037/adb0000707>
- Doede, M. S. (2015). Black jobs matter: Racial inequalities in conditions of employment and subsequent health outcomes. *Public Health Nursing*, 33, 151-158. <https://doi.org/10.1111/phn.12241>
- Equipe JASP (2024). JASP (versão 0.18.3) [Software de computador]. Disponível em: <https://jasp-stats.org/download/>
- Fattore, G. L., Amorim, L. D., Marques dos Santos, L., dos Santos, D. N., & Barreto, M. L. (2020). Experiences of discrimination and skin color among women in urban Brazil: a latent class analysis. *Journal of Black Psychology*, 46, 144-168. <https://doi.org/10.1177/0095984209282>
- Fattore, G. L., Teles, C. A., Santos, D. N. D., Santos, L. M., Reichenheim, M. E., & Barreto, M. L. (2016). Validade de constructo da escala Experiences of Discrimination em uma população brasileira. *Cadernos de Saúde Pública*, 32, e00102415. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00102415>
- Fitzpatrick, T. B. (1988). The validity and practicality of sun-reactive skin types I through VI. *Archives of Dermatology*, 124, 869-871. Retirado de <https://jamanetwork.com/journals/jamadermatology/article-abstract/549509>
- G1. (2023). Furadeira, guarda-chuva e até saco de pipoca: casos de mortos após terem objetos confundidos com arma se arrastam há anos na Justiça. Recuperado de <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/01/11/furadeira-guarda-chuva-e-ate-saco-de-pipoca-casos-de-mortos-apos-terem-objetos-confundidos-comarma-se-arrastam-ha-anos-na-justica.ghtml>
- Gomes, L. F. E. (2019). Ser Pardo: O limbo identitário-racial brasileiro e a reivindicação da identidade. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 5, 66-78. <https://doi.org/10.9771/cgd.v5i1.31930>
- Harrell, S. P. (2000). A multidimensional conceptualization of racism-related stress: Implications for the well-being of people of color. *American Journal of Orthopsychiatry*, 70, 42-57. <https://doi.org/10.1037/h0087722>
- Hennein, R., Tiako, M. J. N., Tineo, P., & Lowe, S. R. (2023). Development and validation of the Vicarious Racism in Healthcare Workers Scale. *Journal of Racial and Ethnic Health Disparities*, 10, 2496-2504. <https://doi.org/10.1007/s40615-022-01430>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021). *Pesquisa nacional de saúde: 2019: acidentes, violências, doenças transmissíveis, atividade sexual, características do trabalho e apoio social: Brasil / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento, [Ministério da Saúde]*. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101800.pdf>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). (2023). *Atlas da violência*. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>
- Kline, R. B. (2011). *Princípios e Prática de Modelagem de Equações Estruturais*. Guilford Press, Nova York.
- Kosny, A., Santos, I., & Reid, A. (2017). Employment in a “land of opportunity?” Immigrants’ experiences of racism and discrimination in the Australian workplace. *Journal of International Migration and Integration*, 18, 483-497. <https://doi.org/10.1007/s12134-016-0482-0>
- Lamas, F. G., Vicente, G. B., & Mayrink, N. (2016). Os indígenas nos livros didáticos: uma abordagem crítica. *Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica*, 2, 124-139. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/cadernoscap/article/view/14973/17808>
- Lima, M. E. O., Faro, A., & Santos, M. R. (2016). A desumanização presente nos estereótipos de índios e ciganos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32, 219-228. <https://doi.org/10.1590/0102-37722016012053219228>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2006). FACTOR: A computer program to fit the exploratory factor analysis model. *Behavior Research Methods*, 38, 88-91. <https://doi.org/10.3758/BF03192753>
- Mardia, K. V. (1970). Measures of multivariate skewness and kurtosis with applications. *Biometrika*, 57, 519-530. <https://doi.org/10.2307/2334770>
- McKinnon, I. I., Johnson, D. A., Murden, R. J., Erving, C. L., Parker, R., Van Dyke, M. E., ... & Lewis, T. T. (2022). Extreme racism-related events and poor sleep in African-American women. *Social Science & Medicine*, 310, 115269. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2022.115269>
- McNeish, D. (2018). Thanks coefficient alpha, we'll take it from here. *Psychological Methods*, 23, 412-443. <https://doi.org/10.1037/met0000144>
- Mekawi, Y., Carter, S., Brown, B., Martinez de Andino, A., Fani, N., Michopoulos, V., & Powers, A. (2021). Interpersonal trauma and posttraumatic stress disorder among black women: does racial discrimination matter?. *Journal of Trauma & Dissociation*, 22, 154-169. <https://doi.org/10.1080/15299732.2020.1869098>
- Mekawi, Y., Carter, S., Packard, G., Wallace, S., Michopoulos, V., & Powers, A. (2022). When (passive) acceptance hurts: Race-based coping moderates the association between racial discrimination and mental health outcomes among Black Americans. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 14, 38-46. <https://doi.org/10.1037/tra0001077>
- Miranda, R. D. S. (2015). *Racismo no contexto da saúde: um estudo psicosociológico*. [Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório UFPB. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/7688?locale=pt_BR
- Mouzon, D. M., & McLean, J. S. (2017). Internalized racism and mental health among African-Americans, US-born Caribbean Blacks, and foreign-born Caribbean Blacks. *Ethnicity & Health*, 22, 36-48. <https://doi.org/10.1080/13557858.2016.1196652>
- Paradies, Y., Ben, J., Denson, N., Elias, A., Priest, N., Pieterse, A., ... & Gee, G. (2015). Racism as a determinant of health: a systematic review and meta-analysis. *PLoS One*, 10, e0138511. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0138511>

- Pieterse, A. L., Todd, N. R., Neville, H. A., & Carter, R. T. (2012). Perceived racism and mental health among Black American adults: A meta-analytic review. *Journal of Counseling Psychology*, 59, 1-9. <https://doi.org/10.1037/a0026208>
- Rosa, P. L. F. S., Borges, A. L. V., & Araújo, E. M. D. (2021). Validação de conteúdo do instrumento Percepção sobre Discriminação Racial Interpessoal nos Serviços de Saúde (Driss). *Saúde e Sociedade*, 30, e200410. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200410>
- Santos, G. C., Brisola, E. B., Moreira, D., Tostes, G. W., & Cury, V. E. (2023). Impacto do racismo nas vivências de mulheres negras brasileiras: Um estudo fenomenológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, e249674. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003249674>
- Sibrava, N. J., Bjornsson, A. S., Pérez Benítez, A. C. I., Moitra, E., Weisberg, R. B., & Keller, M. B. (2019). Posttraumatic stress disorder in African American and Latinx adults: Clinical course and the role of racial and ethnic discrimination. *American Psychologist*, 74, 101-116. <https://doi.org/10.1037/amp0000339>
- Silva, R. P. (2018). *A influência da cor da pele no tempo de atendimento de pacientes negros em um contexto clínico*. Tese de doutorado não publicada. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19524>
- Smith, W. A., David, R., & Stanton, G. S. (2020). Racial battle fatigue: The long-term effects of racial microaggressions on African American boys and men. Em *The international handbook of black community mental health* (pp. 83-92). Emerald Publishing Limited.
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. *Psychological Methods*, 16, 209-220. <https://doi.org/10.1037/a0023353>
- Utsey, S. O. (1999). Development and validation of a short form of the Index of Race-Related Stress (IRRS)—Brief Version. *Measurement and evaluation in Counseling and Development*, 32, 149-167. <https://doi.org/10.1080/07481756.1999.12068981>
- Waelde, L. C., Pennington, D., Mahan, C., Mahan, R., Kabour, M., & Marquett, R. (2010). Psychometric properties of the Race-Related Events Scale. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 2, 4-11. <https://doi.org/10.1037/a0019018>
- Wallace, S., Nazroo, J., & Bécares, L. (2016). Cumulative effect of racial discrimination on the mental health of ethnic minorities in the United Kingdom. *American Journal of Public Health*, 106, 1294-1300. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2016.303121>
- Watson-Singleton, N. N., Mekawi, Y., Wilkins, K. V., & Jatta, I. F. (2021). Racism's effect on depressive symptoms: Examining perseverative cognition and Black Lives Matter activism as moderators. *Journal of Counseling Psychology*, 68, 27-37. <https://doi.org/10.1037/cou0000436>
- Worrell, F. C., Mendoza-Denton, R., & Wang, A. (2019). Introducing a new assessment tool for measuring ethnic-racial identity: the Cross Ethnic-Racial Identity Scale—Adult (CERIS-A). *Assessment*, 26, 404-418. <https://doi.org/10.1177/1073191117698756>
- Yip, T., Chung, K., & Chae, D. H. (2024). Vicarious racism, ethnic/racial identity, and sleep among Asian Americans. *Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology*, 30, 319-329. <https://doi.org/10.1037/cdp0000534>

recebido em junho de 2024
aprovado em abril de 2025

Sobre os autores

Renan Pereira Monteiro é psicólogo, mestre e doutor em Psicologia Social (UFPB). Atualmente é professor adjunto da UFPB, e atua com a construção e validação de instrumentos psicométricos.

Josefa Wanilla da Costa Medeiros é psicóloga clínica, Mestra em Psicologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (PPGPS – UFPB) e Doutoranda em Psicologia Social pelo mesmo programa.

Oscar José P. Neto é discente em Psicopedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da mesma universidade.

Roosevelt Vilar é psicólogo (UFPB), mestre em Psicologia Social (UFPB) e doutor em Psicologia (*Massey University*, Nova Zelândia). Atualmente, é pesquisador de Pós-Doutorado no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Neurociência Social e Afetiva da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Como citar este artigo

Monteiro, R. P.; Medeiros, J. W. C.; Neto, O. J. P. & Vilar, R. (2025). Estudo psicométrico da *Race-Related Events Scale* para o Brasil. *Avaliação Psicológica*, 24, nº especial 1, e25421, 1-10. <http://doi.org/10.15689/ap.2025.24.e25421>